

Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

Fabiano Lemos Pereira
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

Fabiano Lemos Pereira
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação musical a distância e tecnologias no ensino da música

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Lemos Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação musical a distância e tecnologias no ensino da música / Organizador Fabiano Lemos Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-662-1

DOI 10.22533/at.ed.621201012

1. Música. 2. Educação. I. Pereira, Fabiano Lemos (Organizador). II. Título.

CDD 780.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Educação Musical a distância e Tecnologias no Ensino da Música” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos educação musical na modalidade a distância.

O objetivo central foi reunir estudos de diversas instituições do país sobre o tema. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o uso de tecnologias na educação musical, seja como coadjuvante na modalidade presencial ou como ferramenta para a modalidade a distância. O avanço das pesquisas em Educação a Distância (EaD) na área da educação musical vem crescido significativamente nos últimos anos. Com a pandemia causada pela COVID-19 em 2020, o ensino remoto passa a ser o centro de discussão para usos das tecnologias educacionais na educação musical, que usa ferramentas da Educação a Distância – embora ensino remoto não seja o mesmo que educação a distância.

Temas diversos são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos e todos aqueles que de alguma forma se interessam pelo ensino de Música a distância e pelo uso de tecnologias no ensino da Música. Possuir um material que reúna elementos sobre metodologias de ensino a distância com foco na música, tecnologias educacionais e experiência docente é muito relevante, assim como abordar temas atuais e de interesse direto da sociedade como o ensino remoto de música.

Deste modo a obra Educação Musical a distância e Tecnologias no Ensino da Música apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos por professores e acadêmicos que desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa.

Fabiano Lemos Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O ENSINO DE MÚSICA A DISTÂNCIA QUEBRA PARADIGMAS EDUCACIONAIS? UMA REFLEXÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19	
Fabiano Lemos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6212010121	
CAPÍTULO 2	15
APLICATIVOS PARA APRENDIZAGEM DE BATERIA: O CAMINHO DO CONTROLE SONORO	
Daniel Gohn	
DOI 10.22533/at.ed.6212010122	
CAPÍTULO 3	27
AULAS DE INSTRUMENTO MUSICAL A DISTÂNCIA: O DESAFIO EMERGENTE	
Ana Lúcia Iara Gaborim Moreira	
Antonio Deusany de Carvalho Júnior	
Jackes Douglas Nunes Angelo	
DOI 10.22533/at.ed.6212010123	
CAPÍTULO 4	44
NEM TANTO AO MAR NEM TANTO À TERRA: EM BUSCA DE UM CONSENSO SOBRE AS TICS NA EDUCAÇÃO MUSICAL	
Carlos da Veiga Feitoza	
DOI 10.22533/at.ed.6212010124	
SOBRE O ORGANIZADOR	56
ÍNDICE REMISSIVO	57

CAPÍTULO 4

NEM TANTO AO MAR NEM TANTO À TERRA: EM BUSCA DE UM CONSENSO SOBRE AS TICS NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 09/09/2020

Carlos da Veiga Feitoza

Universidade de Brasília – UnB
Programa de Pós-Graduação em Música
(mestrando)
Brasília – DF
<http://lattes.cnpq.br/1299723725361223>

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise de como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm sido recebidas entre os pesquisadores e profissionais da educação. Através de artigos, entrevistas, dissertações, entre outras fontes, apresenta opiniões de autores que, por um lado, veem com entusiasmo a utilização das TICs e, por outro, recebem com desconfiança essas novidades. Ao final, propõe três reflexões que julga necessárias para o uso das TICs na educação, em especial na educação musical.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias de Informação e Comunicação, TICs, Educação a Distância, EAD, Educação Musical.

NEITHER TOO MUCH TO THE SEA, NOR TOO MUCH TO THE LAND: IN SEARCH OF A CONSENSUS AROUND ICT IN MUSICAL EDUCATION

ABSTRACT: This article analyzes how Information and Communication Technologies (ICTs) have been received among researchers and education professionals. Through an examination of articles, interviews, dissertations, and other sources, it presents the opinions of authors who, on the one hand, see the use of ICTs enthusiastically and, on the other hand, receive such novelties with suspicion. In the end, it proposes three reflections deemed necessary for the use of ICTs in education, especially in music education.

KEYWORDS: Information and Communication Technologies, ICT, Distance Education, Musical Education.

1 | INTRODUÇÃO

São muitas as transformações que o mundo passa desde as últimas décadas. Podemos atribuir grande parte dessas transformações aos avanços tecnológicos que mudaram por completo as relações dos homens entre si e com o meio onde vivem. São claros os sinais de tais mudanças. Podemos dizer que nada mais foge ao controle e à ação da informatização, que veio não somente trazer novas experiências e potencializar novos conhecimentos, mas, sobretudo, transformar a vida em suas diversas áreas. Como sugere Vani

Kenski (2007, p.40), essa nova era alterou as transações comerciais, agora globalizadas, a produção e as pesquisas científicas, além de tantas outras áreas reconfiguradas a partir da enorme quantidade de volumes de dados que são intercambiados entre os mais distantes lugares do mundo, numa interação extremamente rápida, transformando o planeta numa imensa rede global.

Nessa abrupta chegada do novo tempo, as opiniões se dividem: há aqueles que se encantam com o panorama descortinado, se deslumbram com as promessas tecnológicas e se afirmam nelas, desejando acompanhar as inovações, numa atualização cotidiana das novidades e acolhendo avidamente tudo o que é de novo e tecnológico e sem nenhum filtro crítico. No outro extremo nos deparamos com aqueles que possuem uma postura tradicional, de total desconfiança e resistência ao novo, numa rejeição do panorama atual e até mesmo na tentativa de retorno aos padrões antigos, fechados num ambiente restrito e extremamente crítico. Diríamos um isolamento social, como se isto fosse possível.

Essas posturas a favor ou contra a tecnologia se reproduzem nas diversas áreas da vida, inclusive dentro do ensino, e porque não dizer, do ensino musical. Os avanços tecnológicos se ampliaram de tal maneira que abarcam hoje praticamente toda a vida humana. E o ensino não ficou de fora, como não poderia. Aliás, é por meio da educação, dos estudos e pesquisas, que a tecnologia se desenvolveu ao ponto que hoje nos encontramos.

Quanto a isto, é importante dizer que se tornou inevitável que a educação lance mão dessas ferramentas tecnológicas para um aprendizado de qualidade. Não é possível se abster de um processo que envolve toda a sociedade. As dificuldades que alguns educadores têm de aceitar a evolução e a rapidez do conhecimento, somente retarda o desenvolvimento da escola e sua prática aliada às mídias digitais (WÄCHTER 2017, p.8). Enquanto não acolhermos essa realidade, os estudantes, especialmente as crianças, continuarão não usando as tecnologias em sala de aula, e muitas vezes até sendo cerceadas de seu uso no ambiente escolar, enquanto que em casa continuarão fazendo seu uso contínuo, inclusive dominando com facilidade suas técnicas e ferramentas para o lazer e o entretenimento.

Como disse Susana Krüger (2006, p.75),

as novas tecnologias de Informação e Comunicação – TIC – desafiam-nos a transformar nossos conceitos educacionais, nossas perspectivas didáticas, nos constrangem a rever e complementar nossa formação, nos levam a refletir sobre as novas possibilidades e exigências quanto às interações com nossos alunos e colegas.

Essas duas palavras, “desafio” e “constrangimento”, apontadas por Krüger, expressam bem as discussões que giram em torno do tema. Por isso, nas próximas linhas vamos observar algumas formas distintas como o tema tem sido abordado, lançando mão de artigos acadêmicos e demais textos da área.

21 AS TICS VIERAM PARA APERFEIÇOAR A EDUCAÇÃO

Essa talvez seja a frase que represente um primeiro grupo distinto de educadores e pesquisadores. Estes olham para as possibilidades que as TICs¹ promovem e a apontam como ferramenta essencial, necessária para a evolução do ensino.

Que a revolução tecnológica trouxe consigo transformações nos diversos setores da vida humana com base na informação, é ponto comum, inclusive já mencionado aqui. No entanto, essa ação foi ampliada à medida que novos dispositivos foram introduzidos, criando um ciclo de realimentação de informação. Os usuários apropriando-se de tais meios, em interação, acabaram por redefinir o panorama, configurando assim uma relação muito mais próxima entre a cultura e a sociedade. Para Schuchtler, Almeida e Candian (2017, p.64),

o ambiente de conexões passa a se conformar como um terreno propício de incentivo à autonomia dos indivíduos, ao desenvolvimento em larga escala e às facilidades da comunicação na rede possibilitadas pelas novas práticas de interação nesses meios.

Os autores acima citados apresentam um quadro muito favorável possibilitado pelas TICs. Uma realidade que descortina tempos de mudanças, necessidades e desafios a serem enfrentados pela sociedade em geral, em especial, pelos profissionais da educação. Como aponta Gláucia Brito, em sua resenha do livro “Tecnologias para transformar a educação”, de Sancho e Hernandes, estamos no início de uma mudança profunda das organizações escolares (BRITO 2006, p.281).

Outros autores, sem descartar tais mudanças e novos tempos, trazem mais elementos para o debate. Entendem que a tecnologia não pode ser adornada de tão grandes poderes, pois ela é apenas meio (CHAGAS 2015). Para esta autora, a problematização e a construção da criticidade do aluno ainda são papéis fundamentais do professor. Não há como descartar a figura do professor, substituindo-o por meios.

Na mesma linha, Janete Wächter lembra que o mundo de hoje é praticamente digital, e a tecnologia já é parte da realidade. Mas também afirma, citando Camas:

“O melhor resultado não virá pela tecnologia, mas pela compreensão do que se espera da educação [...] tecnologia é parte, não é o todo”. Ou seja, quando se pode usar computador, notebook, celular, vídeos, TV, rádio, jornal, enfim, qualquer mídia disponível, elas têm papel de ferramentas de construção do conhecimento. Não há como substituir a pessoa do professor por máquina, ou um aplicativo, imagens e sons. O professor ainda é uma figura educacional que transmite conhecimento científico e faz mediação desse conhecimento com o seu aluno.

1. Autores utilizam ainda outras designações para o termo, como TIC (no singular), TDIC, entre outros. Adotaremos neste trabalho a nomenclatura TICs.

Assim, vemos que há um crescente grupo de pesquisadores trabalhando pela implementação das TICs ao ensino, quer por meio de ferramentas que somam-se ao conteúdo apresentado em sala de aula, quer através do Ensino a Distância normatizada através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996), pelos Decretos nº 2494, nº 2561, de 1998 e pela Portaria Ministerial nº 301, de 07 de abril de 1998.

A evolução da EaD acompanhou o desenvolvimento das tecnologias de informação, proporcionando um novo e promissor cenário para acolher situações de ensino e aprendizagem que tem o material digital como suporte didático e o uso do correio eletrônico e da Internet como suportes comunicacionais. Esta modalidade de educação a distância, por ser estruturalmente alicerçada em novas tecnologias, demanda habilidades e competências diferenciadas de seus usuários, que necessitam lidar com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). (SILVA, et al. 2018, p.2)

O Governo Brasileiro e as Universidades se empenham desde 1970 nessa direção, quando surgiram as primeiras discussões sobre o uso de computadores na educação. Mônica Rapsold, fez um apanhado dessas ações, mostrando programas e atividades criadas com o fim de implementar o uso das tecnologias de informação nas escolas e universidades brasileiras (REPSOLD 2018). Entre esses programas, cita o Projeto EDUCOM. Mostrou que desde aquela altura a intenção era incluir o computador no ensino de tal forma que fosse provocada uma mudança pedagógica e não uma automatização do ensino. O projeto tinha por perspectiva criar ambientes educacionais, sendo o computador um facilitador no processo de aprendizagem. Essa mesma compreensão se manteve na criação dos projetos que se seguiram desde então.

No entanto, a conclusão que alguns autores chegam é que apesar de projetos serem desenvolvidos e ações por parte do governo serem implementadas, há um distanciamento entre essas ações e as pesquisas nas universidades. Os meios informais de ensino parecem estar mais atentos ao uso das tecnologias se comparados aos meios formais. Através do número de publicações acadêmicas constata-se que poucas pesquisas ainda são desenvolvidas e, por isso, acabam pouco influenciando na utilização ainda restrita das TICs na educação. Esse descompasso é verificável quando se percebe que a pesquisa que deveria subsidiar a prática educacional, não tem sido feita.

Em resumo, percebemos que os autores aqui citados olham para as TICs como ferramenta de grande importância para a educação e se empenham por uma ampla e completa utilização das mesmas.

3 | AS TICS VIERAM PARA INSTRUMENTALIZAR E LIMITAR O PROCESSO EDUCATIVO

Como era de se esperar, o uso da tecnologia pela educação enfrenta também resistências. Exatamente por ser algo ainda novo, conta com a desconfiança de parte dos educadores e estudiosos sobre o assunto.

As questões educacionais não se resolvem meramente pela incorporação de tecnologias, num processo de “modernização cosmética”, que “a ninguém serve, exceto aos empreendedores espertalhões com suas escolas caça-níqueis” ou governos mal-intencionados. (SILVA, PEIXOTO e PACHECO 2017)

Na sociedade não são raras as pessoas que enfrentam medo, resistência ou aversão à tecnologia. Inclusive foi cunhado o termo “tecnofobia” para designar tais atitudes. Krüger faz uso do termo, difundido por Naveda, para mostrar que a tecnofobia é também sentida por alguns educadores musicais, e que ela se apresenta como receio de utilizar as TICs ou mesmo de participar em projetos de pesquisa nessa área (KRÜGER 2006, p.76). É possível que docentes sofram de tecnofobia por insegurança ou algum tipo de limitação ao lidarem com alunos cada vez mais informados, informatizados e conhecedores das ferramentas tecnológicas. Nesse caso, a fobia é uma autodefesa.

Mas Krüger faz ressalvas. Nem toda relutância por utilizar a tecnologia deve ser vista como tecnofobia. Existem preocupações genuínas e fundamentadas que precisam ser consideradas.

O texto “Reflexões teóricas sobre perspectivas críticas na Educação a distância” (SILVA, PEIXOTO e PACHECO 2017) faz um apanhado das principais críticas relacionadas à educação a distância na literatura corrente. Desde a introdução deixa claro que as questões criticadas no artigo não atingem somente a educação por meio da modalidade a distância, mas a educação como um todo. No entanto sugere que nessa modalidade os problemas ganham maiores proporções. Parte do pressuposto que “um dos grandes equívocos nesse campo refere-se à crença sobre o potencial inerente da EAD em solucionar as vicissitudes do modelo tradicional” (2017, p.198).

Levanta a problemática da interação mediada por aparatos tecnológicos, o processo de mercantilização da educação e a promoção acrítica do potencial da EAD em promover a autonomia, emancipação e democratização em âmbito escolar. Condena os teóricos que sugerem a incorporação de novas tecnologias como a “panaceia” – ou seja a substância curativa para todas as doenças, dos males da educação. E diz que o grande erro está numa transposição acrítica dos modelos tradicionais de educação para o ambiente tecnológico. Citando Peixoto e Carvalho, diz que a tecnologização da experiência educativa, onde a tecnologia assume o papel de protagonista, expõe a interferência de motivações de ordem industrial e social no processo educacional, condicionando os usos das TICs. Faz crítica à falta ou à restrição de interação entre as pessoas do processo educacional promovido

pela EAD, interferindo na real comunicação: “a carência de encontros presenciais é um aspecto que suscita debates dessa natureza, especialmente para aqueles que acreditam que a interação física entre os professores e alunos é imprescindível para o sucesso da aprendizagem (2017, p.201). Sugere que as interações estabelecidas por meio de aparatos tecnológicos não proporcionam uma real comunicação.

Prossegue denunciando que o gerencialismo não ficou circunscrito ao mundo empresarial e corporativo, mas transpôs os muros e passou a reger também as organizações educacionais. Citando Harvey, diz que as universidades passaram de “guardiões do conhecimento e da sabedoria para produtores subordinados de conhecimento a soldo do capital corporativo” (2017, p.203). Os autores sabem que essa lógica capitalista não é resultado do uso da tecnologia na educação, mas diz que em busca de reduzir custos e aumentar os ganhos promoveu a EaD como uma alternativa para a eficiência instrumental. “O problema do aluno-cliente é que a lógica do ensino-aprendizagem é subvertida pela lógica do consumo-satisfação que, muitas vezes, destoa da formação de um sujeito reflexivo e maduro” (2017, p.203), criando pactos de mediocridade – “o aluno finge que aprende e o professor finge que ensina”.

O texto ainda tece críticas a um dos pontos que são tidos por favorável nas EADs: a democratização do ensino. Reconhece que os principais papéis da educação a distância são para ampliar o acesso e promover a equidade social no ensino, mas que na prática se contradiz ao fazer dos “pacotes de auto-estudo”, bem como dos encontros on-line, os fins e não os meios da educação. Citando Summer, “somente os educadores a distância determinados a contrariar o sistema educativo vigente podem realizar uma ‘virada de aprendizagem’ e servir o mundo da vida” (2017, p.209).

Os autores concluem sugerindo dois aspectos transversais: o primeiro diz que a educação a distância não possui um potencial inerente para solucionar as questões problemáticas do modelo tradicional; em segundo, a necessidade de se aprofundar no assunto, lançando “luzes sobre o potencial efetivo da educação a distância e sua contribuição para o desenvolvimento dos indivíduos e comunidades por ela abrangidos” (2017, p.210).

4 | EM BUSCA DE UMA POSIÇÃO CONCILIATÓRIA

As opiniões sobre o uso das TICs se divergem, como vimos até aqui. Estudiosos que se debruçam sobre o assunto fazem distintas leituras com base no seu arcabouço acadêmico, educacional, político e ideológico. É certo que uma posição conciliatória entre todas as vertentes opinativas é algo ilusório e utópico. Na verdade, as opiniões divergentes são importantes pois, como nos mostra a dialética hegeliana, o diálogo permite um aprofundamento crítico sobre o assunto.

Susana Ester Krüger traz lúcidas e pertinentes reflexões para este tema em seu texto “Educação musical apoiada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)” (KRÜGER 2006). Seu argumento se demonstra equilibrado e consistente – nem pende para o encantamento juvenil, nem para a “tecnofobia”. Aliás, Krüger sugere temas sérios e pertinentes.

Essas atitudes aparentemente contrárias são típicas de processos em movimento, o que caracteriza bem o assunto aqui abordado. A partir da teoria crítica, lembra-nos da ambivalência da tecnologia – ela não é neutra, pois em seu desenvolvimento são adotados parâmetros culturais, sociais e pedagógicos. Portanto, o uso das TICs na Educação, bem como na Educação Musical, deve ser acompanhado por uma análise crítica, para que a velha educação não se perpetue travestida de nova educação. O simples fato de utilizarmos a tecnologia não significa que estamos realizando o novo. “Uma nova tecnologia tanto permite que objetivos tradicionais sejam perseguidos por novos meios quanto possibilita que sejam definidos novos objetivos” (2006, p.76). Esta é uma das maiores críticas ao uso das TICs. É preciso, mais que a incorporação das ferramentas tecnológicas a inovação da didática e da pedagogia musical, na literatura e na técnica, etc.

Portanto, precisamos de estudos que consigam reelaborar a utilização das TICs de maneira que considere uma análise das diferentes opiniões. Como foi dito, “as tecnologias digitais estão na sociedade e precisam estar na escola” (SCHUCHTER, ALMEIDA JUNIOR e CANDIAN 2017, p.66).

Concluindo, proponho três reflexões necessárias sobre o uso das TICs na educação, em especial a educação musical:

a) Deve-se considerar o desenvolvimento de uma nova pedagogia para esse novo momento

O cenário de transição de inclusão dos TICs no mundo educacional está a caminho, não atingiu a maturidade, muito embora os novos tempos da pandemia do COVID-19 tenha impulsionado a incorporação da tecnologia na educação de uma maneira ainda não vista. Muitos educadores e instituições de ensino ainda insistem em ver a tecnologia como rival ao ensino formal das escolas. Onde a tradição impera, nos centros de poder constituídos pela antiga forma de pensar e se relacionar, a rejeição ao novo é evidente. Quem tem o poder de conduzir os processos de ensino, mas vive ainda sobre os paradigmas da educação tradicional resistindo aos novos tempos, precisa manter os velhos moldes para permanecer em sua função. Essa resistência à atualização conspira contra a utilização das TICs em sala de aula. Em franco contraste, vemos que os processos evolutivos da tecnologia não param. São acelerados e contínuos, trazendo inovações a cada dia. Como conciliar essas ambiguidades?

O texto “Políticas de formação docente no contexto da cibercultura” (PRENSK 2010) traz um apanhado de como alguns projetos de inserção da tecnologia digital em escolas públicas, como o Proinfo e o PROUCA, realizados pelo Governo Federal, foram frustrados.

As dificuldades foram inúmeras, desde a falta de treinamento adequado dos educadores, problemas e dificuldades estruturais, equipamentos debilitados, poucos recursos destinados à compra e manutenção de equipamentos e estes, quando adquiridos, por vezes eram de baixa qualidade técnica, ergonômica, etc. Provavelmente o maior equívoco se deveu a uma não adaptação pedagógica.

O tecnólogo e educador Marc Prensky parte do pressuposto que embora ainda se faça necessário descobrir muita coisa na educação do século XXI, uma descoberta é premente: “a pedagogia com que devemos ensinar nossas crianças” (2010, p.201). Ele faz um contraste entre a velha pedagogia e a nova pedagogia. Para ele, a velha pedagogia é aquela cujo papel de um professor é dizer, ou falar, ou palestrar ou agir como o “sábio no palco”. É aquela onde o professor é visto como o responsável pela transmissão dos conteúdos, o centro do processo educativo.

A nova pedagogia seria aquela onde os alunos ensinam a si mesmos com a orientação do professor – uma combinação de aprendizagem centrada no aluno tendo o professor como o guia ao lado. Dessa forma, “o papel da tecnologia, em nossas salas de aula, [seria] o de oferecer suporte ao novo paradigma de ensino” (PRENSKY, 2010, p.202). Enquanto o professor poderia e deveria ser um guia, a maior parte das ferramentas seriam utilizadas pelos alunos com melhor desenvoltura.

Mas há uma advertência a se fazer: é possível a utilização da tecnologia no âmbito da velha pedagogia. Nesse caso ela não passaria de recurso didático nas mãos daquele que tem o poder da informação e seria utilizada apenas como ferramenta para aulas expositivas. Qualquer outra forma de utilização da tecnologia disponível, fora desses parâmetros, seria inadequada. É o caso em que os celulares são vistos como ferramentas que comprometem a educação, sendo necessário estabelecer leis e regras que inibam sua utilização em salas de aula. Tecnologia num contexto de velha pedagogia teria uma utilização limitada e longe do seu amplo potencial como ferramenta educacional interdisciplinar.

Por outro lado, na nova pedagogia, a tecnologia seria apropriada para a educação, por meio do aprendizado mútuo em sala de aula, orientada um professor que conduziria os alunos na utilização desse recurso ricamente presente na vida de todos nós. Isso demanda do educador uma constante atualização não somente das novas possibilidades de uso tecnológico a serviço da educação, mas sobretudo sobre uma ação pedagógica que corresponda a estas novas demandas. Isso não quer dizer, como cita Lück ao referir a alguns teóricos, que na educação a distância o professor teria seu papel diminuído e desvalorizado, sendo remetido à precarização do trabalho docente, desumanização da educação e a subjugação aos interesses de ordem econômica (LÜCK 2008). Ao contrário, o educador deve liderar o desenvolvimento na educação musical e não apenas seguir cegamente as novas tendências tecnológicas.

Se muitos professores resistem ao aprendizado para o uso da tecnologia, isto não deveria ser uma preocupação na nova pedagogia, segundo Prensky. Os professores podem

até resistir, pois não são eles que estariam usando a tecnologia para ensinar seus alunos, mas os alunos é que a usariam como ferramenta para ensinar a si mesmos. Para Prensky, “o papel do professor não é tecnológico, mas intelectual, fornecendo aos alunos contexto, assegurando qualidade e ajuda individualizada” (2010, p.203).

b) Deve-se considerar o impacto do ethos empresarial sobre a educação

Segundo os dados estatísticos, a EAD tem sido muito bem aceita pela população em geral. O seu crescimento foi espantoso num curto espaço de tempo. A revista *Veja*, edição de julho de 2018², trouxe números impressionantes: naquela altura cerca de 1,5 milhão de brasileiros optavam pelo EAD no Brasil. Esse número representava cerca de 18,6% das matrículas totais, em contraste com os 4,2% de 2004.

Há uma euforia no mercado baseado nesses dados. O número de oferta de cursos e de polos de EAD cresce a cada dia. Se por um lado é um sinal claro do aumento do sucesso desse modelo de ensino, por outro lado, serve-nos de alerta. O ex-presidente do INEP e docente do Instituto de Física da USP, Otaviano Helene, destaca: “Minha impressão é que os fomentadores da EAD são as empresas do ramo de informática, interessadas, de fato, no sucesso de seus negócios, na medida em que vendem e fazem propaganda de seus produtos, e não na educação da população”³. Essa afirmação nos leva a considerarmos as preocupações compartilhadas no texto de Silva e Peixoto (2017, p.201): “o problema da inserção da lógica gerencial no meio educacional é que ela passa a impor um ‘ethos’ corporativo para um tipo de atividade que pouco ou nada tem a ver com o mundo das empresas”.

Reconhecemos que à medida que a educação é vista como produto de mercado, ela gradualmente perde seu significado e relevância. Os referenciais e objetivos das entidades educacionais tendem a não ser mais a formação de indivíduos emancipados e conscientes de seu papel social, mas a obtenção de lucro que possibilite manter a máquina girando. E nesse caso, todo e qualquer produto que ofertado forneça lucro e encontre adesão nas prateleiras dos “supermercados” educacionais, será bem-vindo e se estabelecerá.

Não podemos fugir da reflexão sobre esse tema. Quanto as escolas e faculdades que se utilizam das EADs estão conscientes desses riscos? E o quanto se mantêm firmes nos propósitos educacionais?

c) Deve-se considerar que mais do que simples meios, as TICs por si só comunicam mensagens.

Logo no início deste texto citamos uma afirmação de Flávia Chagas (CHAGAS 2015, p.18):

2. Para ler a matéria completa, visite o site <https://veja.abril.com.br/educacao/ead-15-milhao-de-pessoas-estuda-a-distancia-no-brasil/>.

3. Matéria publicada no site <http://www.usp.br/espacoaberto/?matéria=ead-e-solucao-para-problemas-na-educacao-brasileira>

Através do uso das mídias podemos desenvolver novas habilidades, ampliando os processos de aprendizagem. As mídias utilizam novas linguagens, novos recursos, novos meios que agilizam o acesso à informação, mas, como seu próprio nome diz, é apenas um meio, a problematização e a construção da criticidade com o aluno ainda são papéis do professor.

Seriam realmente as TICs apenas meio de aprendizagem? Muitos são os teóricos que compreendem dessa maneira, dizendo que como meio as TICs em nada interferem no conteúdo das mensagens. Apenas fazem a mediação entre o que comunica e o que recebe a comunicação.

No entanto, creio que vale a pena resgatar os conceitos trazidos por Marshall McLuhan. Esse canadense foi um destacado educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação, que vislumbrou a internet quase trinta anos antes de ser inventada. Nos anos 60 e 70 suas ideias tiveram grande impacto nos meios que lidavam com a comunicação social.

Uma de suas principais teses foi que o meio não apenas leva a mensagem, mas que “o meio é a mensagem”. Nela McLuhan sublinhava que o meio, geralmente pensado como simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, apenas um veículo de transmissão de mensagem, é um elemento determinante na comunicação.

Enquanto suporte material da comunicação, o meio tende a ser definido como transparente inócuo, incapaz de determinar positivamente os conteúdos comunicativos que veicula. A sua única incidência no processo comunicativo seria negativa, causa possível de ruído ou obstrução na veiculação da mensagem. Pelo contrário, McLuhan chama a atenção para o facto de uma mensagem proferida oralmente ou por escrito, transmitida pela rádio ou pela televisão, pôr em jogo, em cada caso, diferentes estruturas perceptivas, desencadear diferentes mecanismos de compreensão, ganhar diferentes contornos e tonalidades, em limite, adquirir diferentes significados. (POMBO 1994, p.40,41)

Para McLuhan, o meio, qualquer que seja ele, não apenas constitui a forma comunicativa, mas ele próprio influencia o conteúdo da comunicação. Assim, podemos deduzir que um mesmo conteúdo, transmitido através de meios diferentes, terá efeitos sociais diversos.

As ideias de McLuhan (poderíamos ainda citar o conceito de “aldeia global”, “meios de comunicação quentes e frios”, entre outros) foram bastante controversas nos anos 60 e 70 e ainda hoje encontram resistências especialmente entre os académicos europeus. No entanto, são temas que devem ser considerados ao se tratar de um assunto tão importante e relevante como o que tratamos neste artigo.

Realmente o fato de utilizarmos das TICs com fins educacionais afetará o conteúdo do que se está comunicando? Em que efeito o meio, a saber a internet e os demais meios tecnológicos, acrescentará conteúdo ao que se pretende comunicar? Para obter estas respostas seriam necessárias pesquisas para a obtenção de resultados valorativos.

O que deve chamar a nossa atenção é que tipo de profissionais de música e de outras áreas do conhecimento estão sendo formados por meio dos recursos tecnológicos a serviço da educação. É certo que não há possibilidade de se fugir dessa realidade. A informatização mudou a vida e abriu uma série de novas possibilidades para o ser humano, inclusive para a educação. Mas é necessário acompanhar e averiguar esses avanços por meio de pesquisas avaliativas que corrijam desvios que, porventura, venham a comprometer a qualidade na formação dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Glaucia da Silva. 2006. **Resenha: SANCHO, J.M.; HERNANDEZ, F. et al. (Org). Tecnologias para transformar a educação.** São Paulo: Educar, p.279-282.
- CHAGAS, Flávia Rosana. 2015. **O uso das mídias na educação musical das series iniciais. Projeto “Dia da Música”:** Uma proposta de intervenção. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- KENSKI, Vani Moreira. 2007. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus.
- KRÜGER, Susana Ester. 2006. **Educação Musical apoiada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes.** Revista da ABEM, março: p.75-89.
- LÜCK, E. H. 2008. **Educação a distância: contrapondo críticas, tecendo argumentos.** Revista Educação, p.258-267.
- POMBO, Olga. 1994. **O meio é a mensagem.** Em 1º Caderno de História e Filosofia da Educação, 40-50. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa. Acesso em 12 de Julho de 2019. http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/mcluhan/estudo_mcl_olga.pdf.
- PRENSK, Marc. 2010. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula.** Conjectura, maio/agosto: p.201-204.
- REPSOLD, Mônica. 2018. **Tecnologias da informação e comunicação no ensino de música na educação básica:** iniciando uma revisão bibliográfica. *Simpom*, p.207-219.
- ROSAS, Fátima Weber, e Patricia Alejandra BEHAR. 2015. **A inserção da EAD em uma instituição de ensino convencional.** Revista e-Curriculum, janeiro/fevereiro: p.87-108.
- SCHUCHTER, Lúcia Helena, Sebastião Gomes ALMEIDA JUNIOR, e Elisiana Frizzoni CANDIAN. 2017. **Políticas de formação docente no contexto da cibercultura.** *Laplage em Revista*, mai - ago: p.62-76.
- SILVA, Karin Vieira da, João PEIXOTO, e Anderson Sasaki Vasques PACHECO. 2017. **Reflexões teóricas sobre perspectivas críticas na Educação a Distância.** Revista EDaPECi, maio / agosto: p.198-212.

SILVA, Tatiana Maria Ribeiro, Jacques THERRIEN, Hugo de MELO-RODRIGUES, e Nara Lúcia Gomes LIMA. 2018. ***As contribuições da EAD para a formação contínua: narrativas de experiências docentes***. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional das Licenciaturas, Fortaleza: VII ENALIC.

WÄCHTER, Janete Kepler. 2017. ***Uso de mídias digitais no ensino-aprendizagem de música no contexto do projeto oficina de talentos de Panambi***. Artigo de conclusão do curso Especialista em Mídias na Educação, Panambi: Universidade Federal de Santa Maria.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO LEMOS PEREIRA - Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela UERJ com tese sobre as Licenciaturas em Música a distância através da UAB (área Educação musical). Mestre em Música pela UFRJ. Licenciado em Música pela UFRJ. Especialista (pós-graduação lato-sensu) em Educação a Distância Pelo SENAC-RJ. Atua como professor do curso técnico e básico em música nas disciplinas Piano, Teclado, Harmonia e Improvisação, Percepção Musical, Prática de Conjunto, Condução de Acordes (Teclado), Didática da Música, Prática de Condução de Acordes e Tecnologia Musical (Editoração de Partituras) na Fundação Cultural Casimiro de Abreu (FCCA), Escola de Artes Maria José Guedes (EMART - Macaé) em escolas de música e aulas particulares. Atuou como professor de Música em escolas públicas de ensino regular de ensino fundamental, Tutor a distância da Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no curso de Licenciatura em Música e tutor presencial da UERJ (CEDERJ) no curso de Pedagogia. Atua como músico. Autor do livro “A aprendizagem de música a distância em universidades do Brasil: relatos de experiência discente” (editora CRV) e co-autor (juntamente com prof. Dr. Daniel Gohn e outros) de “Música e ensino de Música”, ed. Paco. Autor do site www.fabianolemos.com.br - textos e produção audiovisual.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente Virtual de Aprendizagem 7, 38
Aparelhos de Reprodução Elétricos 16
Aparelhos Digitais para Gravação 17
Aplicativos de Música 15
Aprendizagem de Música Através da Internet 1
Aprendizagem Via Internet 15, 20, 25
Arquivos MP3 16

B

Bateria 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 34, 40

C

Comunicação 1, 5, 7, 8, 29, 38, 40, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 54

D

Daniel Gohn 15, 35, 56
Democratização do Ensino 49
Digitalização do Som 15, 18
Domínio Tecnológico 31

E

Ead 14, 44, 48, 49, 52, 54, 55
Educação a Distância 1, 5, 9, 11, 13, 44, 47, 48, 49, 51, 54, 56
Educação Musical 28, 36, 50
Educação Musical a Distância 2, 1, 2, 7, 9, 12, 13, 20, 27, 41, 43
Ensino de Música a Distância 1
Ensino Musical 41, 45
Ensino Remoto 2, 9

F

Feedbacks Automatizados 6

M

Música 2, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 54, 55, 56

N

Nova Pedagogia 50, 51

Novas Linguagens 53

Novos Meios 15, 50, 53

P

Paradigmas Educacionais 1, 6, 9

Piano Tutorial 38

Produção 2, 4, 10, 15, 17, 19, 25, 31, 33, 36, 45, 56

Q

Quebra de Paradigmas na Educação Musical 7

R

Recursos Educacionais Abertos 3

Reprodução 9, 15, 16, 17, 34

T

Tecnologia de Gravação 16

Tecnologias de Informação 29, 44, 47, 50, 54

Tecnologias Educacionais na Música 1

U

Universidade Aberta do Brasil 2, 13

Uso das Tecnologias na Educação 12

Utilização de Tecnologias por Professores de Música 34

Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação Musical a Distância e Tecnologias no Ensino da Música

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 